

AMÉRICA LATINA

# ‘Para mim, 4 anos foi pouco’, diz Bachelet

Presidente do Chile tenta fazer sucessor e lamenta mandato curto

João Paulo Charleaux

A oito meses do fim do mandato, a presidente do Chile, Michelle Bachelet, disse ontem que lamenta ter de sair agora que seu governo alcançou o recorde de 74% de aprovação, um dos índices mais altos entre os presidentes latino-americanos. “Preferiria um mandato de cinco anos, ou quatro com direito à reeleição”, afirmou Bachelet, em entrevista ao *Estado* (leia nesta página), em São Paulo, onde reuniu-se com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para discutir acordos de cooperação bilateral.

Desde os anos 90, a maioria dos países sul-americanos aumentou o mandato de seus presidentes e criou o direito à reeleição, enquanto o Chile encurtou a gestão de seus presidentes de seis para apenas quatro anos, o mandato mais curto, ao lado do Uruguai. Mas Bachelet descartou qualquer surpresa ao estilo bolivariano: “Jamais mudaria a Constituição para me beneficiar.”

Se pudesse se reeleger, Bachelet resolveria a maior crise política que a Concertação (coligação de partidos de centro-esquerda) enfrenta desde que chegou ao poder há 19 anos, sucedendo o regime militar do ditador Augusto Pinochet (1973-1990).

## Pela primeira vez desde Pinochet, direita tem chance de eleger presidente

Nas eleições locais de outubro, a coligação que sustenta o governo de Bachelet foi derrotada pela primeira vez. Na época, a presidente lançou uma advertência: “A Concertação deve renovar-se, atualizar sua mensagem e dar dinamismo à sua política”, sob risco de perder as eleições presidenciais de dezembro.

A resposta de seus colegas de coligação foi escolher Eduardo Frei, de 66 anos, como candidato à presidência. Frei é o avesso da novidade. Ele já governou o Chile de 1994 a 2000 e é visto como um democrata-cristão moderado que não herda a alta aprovação que tem Bachelet.

Enfrentando a desconfiança dentro da própria Concertação, o recalcitrado Frei terá como adversário nas eleições o direitista Sebastián Piñera, da Renovação Nacional (RN), um dos maiores empresários chilenos, dono de uma fortuna de US\$ 1,2 bilhão, que inclui ações da companhia aérea LanChile e

de outras 29 empresas, incluindo um dos principais jornais (*La Tercera*) e um canal de televisão. Piñera tentou chegar à Presidência em 2005, mas foi derrotado por Bachelet.

“Quando falei de renovação, falei de um novo estilo de liderança”, disse a presidente. “Renovação não significa mudar as caras. Há muitas caras novas com pensamentos antigos por aí.”

### REBELDIA

A cara mais nova a qual Bachelet pode estar se referindo é a do deputado socialista Marco Enríquez-Ominami – um prestigiado cineasta de 35 anos, filho do fundador do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR, na sigla em espanhol), Miguel Enríquez, morto pela ditadura Pinochet.

O jovem político rebelou-se contra a escolha de Frei e lançou seu nome como candidato independente, desafiando a ordem unida que imperava no governo.

O que no início parecia um protesto isolado revelou-se aos poucos uma alternativa viável de confrontar Piñera nas urnas. A cinco meses da escolha do novo presidente do Chile, Enríquez-Ominami aparece com índices que variam de 13% a 15% das intenções de voto, porcentual nunca antes alcançado por um candidato independente na história política chilena.

É improvável que o azarão roube a cena e vá para o segundo turno, seja contra Frei, que tem 30% das intenções de voto, seja contra Piñera, que lidera, com 37%.

Para lançar sua candidatura, o jovem deputado precisa reunir 35 mil assinaturas de eleitores que não sejam filiados a nenhum partido político. “Essa é a menor das ameaças (conseguir as assinaturas)”, disse Enríquez-Ominami ao *Estado*. “É só ver o que dizem as pesquisas. Estamos subindo de forma contínua, mesmo num ambiente muito hostil.”

O jovem candidato sabe que sua candidatura também rouba votos de Frei, o que pode favorecer o direitista Piñera. “O mais importante é que minha candidatura representa a possibilidade de uma competição política real”, rebate Enríquez-Ominami. “Se o meu crescimento se mantém tal como as pesquisas têm mostrado, passaremos ao segundo turno.”



DESAFIO - Bachelet concede entrevista em São Paulo: 74% de aprovação à presidente não garante vitória de coligação desgastada

## Entrevista

**Michelle Bachelet:** presidente do Chile

# ‘América Latina pode estar vivendo recessão democrática’

## Em visita a São Paulo, presidente chilena fala de Honduras e alerta para outras ameaças, veladas e sutis, à democracia

A tensão entre Colômbia, Venezuela e Equador provocada pela possível instalação de bases militares dos EUA na América do Sul é um exemplo do quanto a antiga agenda da Guerra Fria ainda norteia as relações regionais. A resistência ao livre comércio e as seguidas tentativas de mudar a Constituição para ampliar mandatos presidenciais são outras características de uma “recessão democrática”, disse ao *Estado* a presidente do Chile, Michelle Bachelet.

Até onde a comunidade internacional pode ir para resolver o impasse hondurenho? O uso da força contra os golpistas é uma opção? Espero que o governo de facto de Honduras aceite as condições propostas pelo presidente costa-riquenho, Oscar Arias, que atua como mediador. Essas condições garantem que as eleições de novembro sejam validadas porque, do contrário, elas não serão consideradas legítimas e, portanto, não resolverão o impasse. Por isso, deve haver um acordo que permita a restituição do presidente deposto, Manuel Zelaya, e a formação de um governo de coalizão.

O problema é que não há nenhum sinal de que os golpistas aceitem o que a senhora está dizendo. Mas eles não disseram não.

Justamente. A ideia deles parece ser a de protelar qualquer decisão até as eleições de novembro. A Organização dos Estados Americanos (OEA) está dando

um tempo. Mas se for necessário, os Estados tomarão medidas adicionais de pressão como restringir o ingresso de recursos e o apoio econômico.

Isso já foi feito. A sra., que já foi ministra da Defesa do Chile, descarta a opção do uso da força contra o governo golpista em Honduras? Não é uma opção. Teria de ser algo sobre o capítulo sete (da Carta das Nações Unidas, que determina a imposição da paz). Isso dependeria de uma aprovação dos Estados.

Mas não há um consenso internacional contra o golpe? Hoje esse me parece mais um problema político do que militar. É preciso recorrer antes a todos os mecanismos políticos e econômicos.

A opção militar não foi levantada? Não. Nem na Unasul nem na OEA nem nas Nações Unidas.

Daqui a dez dias, a senhora entregará a presidência rotativa da Unasul ao presidente do Equador, Rafael Correa. Ele tem problemas com países vizinhos, como a Colômbia, e aposta num discurso conflitivo. Esse tipo de liderança não ameaça o plano de integração? Integração exige paciência, exige que os países estejam convencidos – mas convencidos de verdade, não apenas da boca para fora – de que a integra-

ção deve acontecer com base na diversidade. Um grupo não pode querer impor seu ponto de vista sobre os outros.

E os sinais emitidos por países como Equador e Venezuela não vão contra essa direção? O Equador prega a extinção da OEA. Não quero pôr palavras na boca de outros presidentes. O Chile nunca apostou na Unasul como alternativa à OEA nem em qualquer briga entre países do sul e do norte. A Guerra Fria terminou e está na hora de ser coerente com isso. Nós apostamos, por exemplo, em inúmeros tratados de livre comércio, mas eu sei que existem países que não consideram o livre comércio uma opção. É preciso respeitar as diferenças. E acho que o Correa liderará entendendo isso.

Além do golpe em Honduras, há, de acordo com uma corrente de pensamento, a tese de que existem ameaças sutis contra a democracia. Em alguns países da região, foi aprovada a ampliação de mandatos presidenciais e as reeleições ilimitadas. A comunidade internacional também poderia reagir a ações como essas? Há especialistas que dizem que vivemos tempos de recessão democrática, que existem democracias débeis. É preciso olhar com cuidado os processos que podem estar aconte-

cendo na América Latina e pensar em estar debilitando a democracia. A democracia precisa ser cuidada por todos o tempo todo. Mas é preciso oferecer, ao mesmo tempo, os bens e serviços que a população necessita. Não basta chegar ao poder, é preciso dar qualidade de vida às pessoas. Afinal, qual a diferença entre não poder sair de casa por um toque de recolher ou porque a violência do crime organizado me obriga a estar trancado? Embora possa haver diferenças, ambos limitam o exercício de direitos.

O Brasil está retomando as buscas por restos mortais de ex-guerrilheiros no Araguaia, o que provoca resistência tanto de políticos quanto de militares. Que sugestão a sra., que preside um país marcado por uma das ditaduras mais violentas do mundo, foi presa e torturada, daria aos brasileiros? A construção do futuro tem necessariamente de basear-se nas lições do passado. Não há futuro para os que não são capazes de fechar e curar as feridas adequadamente. É importante que as pessoas possam conhecer a verdade, fazer justiça e reparar as vítimas. Mas isso deve ser feito de um jeito sério, equilibrado e responsável. Jogar terra em cima não é a solução. Sendo médica, eu acredito que as feridas só cicatrizam quando realmente estão limpas. ● J.P.C.

## Na contramão, Chile encurta mandato

- ... A onda de reformas constitucionais para ampliar mandatos presidenciais e permitir o direito à reeleição teve início em 1995, com o ex-presidente argentino Carlos Menem, que ficou no poder por dez anos.
- Em seguida, Brasil, Bolívia e Equador seguiram o exemplo.
- Na Venezuela, o presidente Hugo Chávez ampliou o mandato para seis anos (como no México) e conseguiu o direito de concorrer a reeleições ilimitadas. O único país da região a reformar a Carta às avessas foi o Chile, que reduziu o mandato presidencial de seis para quatro anos justamente no início do governo de Michele Bachelet, em 2006. ● J.P.C.

femininos do 40 ao 43 masculinos do 44 ao 48

Calçados Eurico desde 1938

Sapatos Grandes  
 preços bem pequenos!  
 Liquidação a partir de domingo, 2/8  
 www.eurico.com.br  
 Av. Jandira, 49 • Moema • tel: (11) 5054 8877 • SP  
 R. Oscar Freire, 550 • Jardins • Tel (11) 3061 3050 • SP

A Brasil São Paulo Sotheby's International Realty se orgulha de comercializar a COBERTURA TRIPLEX - Empreendimento Vogue.

Localizado na Alameda Cauaxi, 329 - Centro de Alphaville, Triplex com 727m², 4 suítes e 10 vagas. Muito conforto e sofisticação, todas suítes com closets, sendo a master com banhos Sr. e Sra., exclusivo espaço Gourmet com pé-direito duplo e Lareira. Lazer privativo: Piscina, Espaço Zen com ofurô, cinema e Salão de festas.

Perspectiva da Piscina privativa

Tel: (11) 2198-3111  
 vendas@sirbrasilsp.com.br  
 www.sothebysrealty.com/pt

Brasil São Paulo | Sotheby's INTERNATIONAL REALTY

Each Office is Independently Owned And Operated Except Offices Owned And Operated By NRT Incorporated. CRECI: 17.158-J.